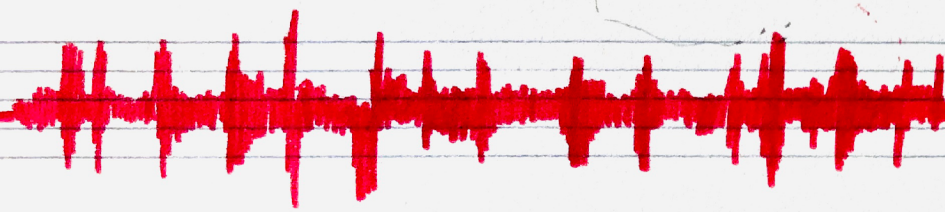


Escrever

a voz

Escrever a voz

Escrever a voz

Ângela Castelo Branco
Renata Gelamo (orgs.)

baleia livros

A CASA TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação

Sumário

Prefácio

Apresentação

Vozes da alma

Escutar a voz muda: ofícios de magia / Treino voz--poema

Veja / Faz-me falta

Diário da voz / Livros-objetos

Reflexões sobre a minha voz

Registros

Sou todo ouvidos / A voz escrita

Enquanto escuto vozes

Sobre um encontro

Escrever a voz

Um corpo no mundo / Por onde nasce...? / Como movem-se os lábios...? / Quantas vozes...? / Onde sua voz...? / Que voz é essa? / Traços da voz...

Curso ministrado n'A Casa Tombada Nuvem (jun.-jul. 2020).

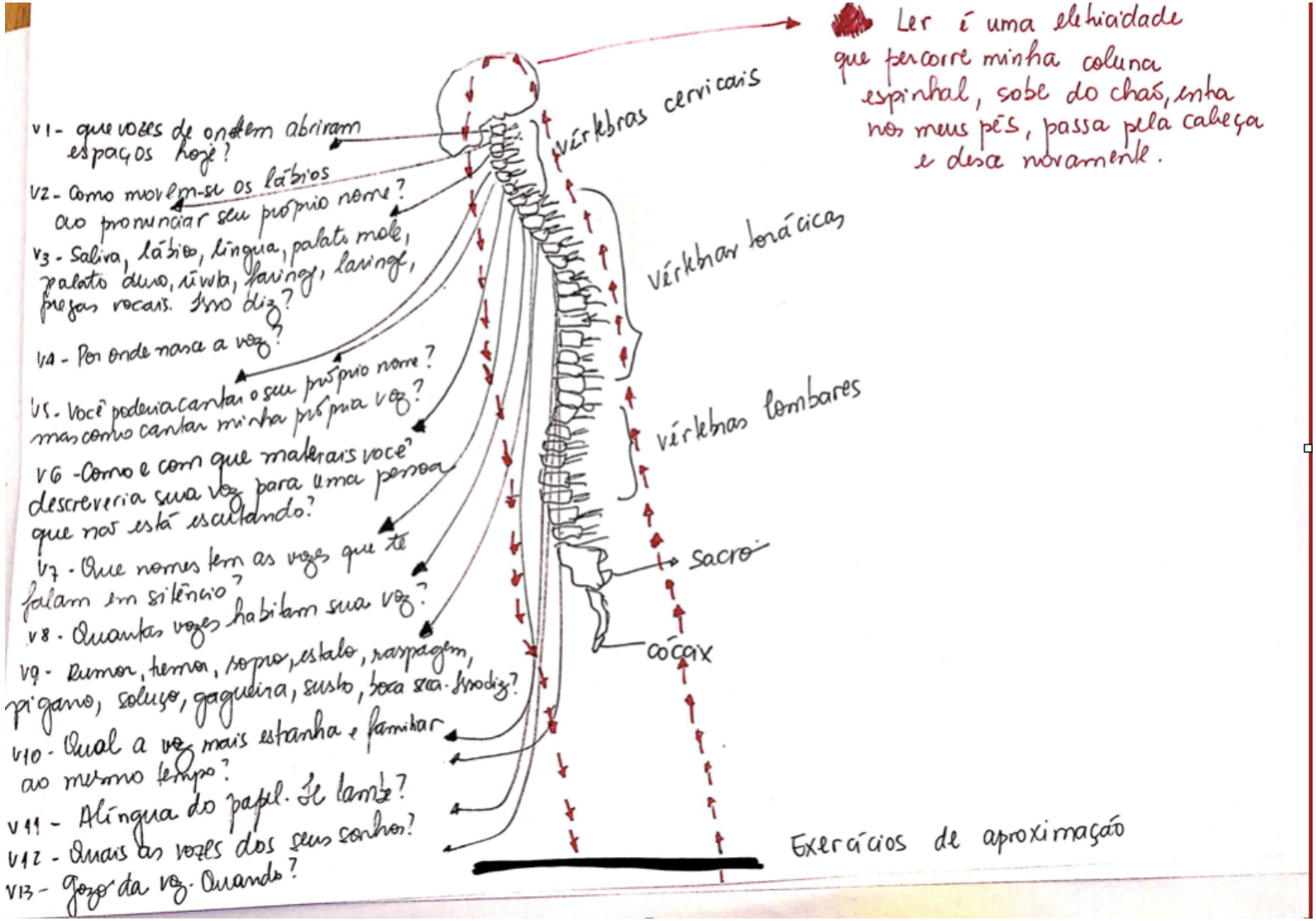


Foto: Acervo das organizadoras

Prefácio

Ângela Castelo Branco

Considerando que a voz é fluida e a escrita, fixa, escrever a voz não seria achatá-la, diminuí-la a ponto de adjetivá-la em algum juízo de valor? Considerando que a voz é algo que não se domina por completo, assim como se dominam o sujeito e predicado nas frases escritas[1], por que escrever a voz?

A voz é um significado que treme ou, pelo menos, tem essa possibilidade[2]. E a escrita, pode tremer?

A escrita conseguiria tremer como a voz em todas as suas nuances? Que escrita seria essa? Literária? Descritiva? Científica? Seria uma escrita com cheiro, calor, saliva?

Ora, por que não deixar a voz de cada uma, de cada um, ser o que é, operando com os seus próprios mecanismos assim como a escrita? Ou seja, por que não deixar a voz sendo voz e a escrita sendo escrita? E, assim, nos especializaríamos cada vez mais em direção ao específico de cada uma? Uma voz é… e uma escrita é…, poderíamos dizer.

Mas se afirmamos que temos de deixar a voz ser quem ela é, estamos afirmando que ela é algo, tem uma finalidade, uma direção, tem características próprias que nos fazem dizer: isso é uma voz, isso não é uma voz, e até isso não é uma voz boa, ou seja, uma identidade que nos dá tranquilidade para categorizar, para situar em algum ponto de uma régua ou em uma curva que precisa chegar ou estar indo a algum lugar.

Deixar a escrita ser quem ela é, a mesma coisa. Estamos afirmando que sabemos o que pode a escrita,

1 TAVARES, Gonçalo. **Atlas do corpo e da imaginação**. Lisboa: Caminho, 2013. p. 150.
2 Ibidem.

sabemos que ela tem características tais, sabemos que ela foi inventada no momento tal, sabemos dos estragos que ela fez para a cultura oral etc. e que, assim como existem aqueles que falam bem, existem aqueles que escrevem bem e, dificilmente, essas duas categorias se encontram, pois não podem se encontrar e, se isso acontecer, temos de colocar em xeque toda a história que organizamos para contar sobre a nossa civilização e sobre o distanciamento entre a oralidade e a escrita.

São muitas as narrativas acerca do desenvolvimento da escrita e uma coisa podemos afirmar: a escrita não foi inventada. A escrita foi praticada. E foram muitas práticas, com necessidades, modos e motivos diferentes. Sim, a escrita alfabética, tal como a conhecemos e praticamos hoje, pressupõe o privilégio do verbal sobre o corpo, parece que busca apenas a tradução dos sons da fala.

Porém, quando nos atentamos um pouco mais para o ato da escrita, para o momento que estamos escrevendo (ou quando observamos alguém escrevendo), percebemos que não há apenas a tentativa de traduzir os sons da fala: vemos um corpo todo ali, em movimento, tomado por um dizer, arqueado em direção a um suporte, realizando notações e ora apontando repetidas vezes com os dedos quando quer frisar algo, ora olhando para a frente e movendo os lábios, ora esticando os braços como se quisesse pegar uma frase no ar, ora em silêncio profundo como se estivesse escutando uma voz que ninguém mais poderia escutar, indo e voltando, mudando a direção, rasurando, produzindo desvios. Ou seja, vemos um corpo que busca traduzir o movimento do seu corpo inteiro em um conjunto de notações partilháveis. Se formos nos remeter aos povos tradicionais, podemos citar as narradoras *walbiri*, que contavam histórias e faziam anotações no chão ao mesmo tempo e com a mesma importância. Caligrafias da voz. E sabemos também que muitas narrativas orais puderam reviver, puderam atravessar grandes blocos de tempo e de espaço por conta da escrita. A voz que emana da escrita.

Voz e escrita possuem caminhos entrelaçados. Acontecem no e pelo corpo. Se fizermos o exercício de chegarmos mais perto de uma possível definição partindo do corpo, da matéria, a voz é esse ar que sai de nós, passa pelo nosso corpo, vibra as nossas pregas vocais e a nossa cavidade bucal modula o som. A escrita é composta por uma sequência de movimentos coreografados chamados letras e estes, mesmo limitados, escorrem pela da ponta dos nossos dedos.

Ainda assim é fácil nos perdermos com essas definições, pois não podemos atribuir esse endereço ou esse RG tão precisamente, apenas ao dizermos:

— Essa é a voz que sai de mim.
— Essa é a escrita que sai de mim.

Parece que não temos tanto controle sobre elas, basta ouvirmos a nossa voz gravada em áudio, no eco de uma chamada telefônica, em um vídeo para perceber que, muitas vezes, não nos reconhecemos totalmente naquela

voz. Basta ler algo escrito meses atrás, sem nossas marcas reconhecíveis, que vamos nos perguntar:

— Quem escreveu isso? Fui mesmo eu?

Ou quando lemos algo que outra pessoa escreveu e achamos que fomos nós que escrevemos; ou quando ouvimos uma voz muito familiar e achamos que é a nossa própria voz ainda mais do que a nossa voz?

Portanto, podemos dizer que há um ponto de contato entre a voz e a escrita para além de definirmos os seus modos de operar, para além das narrativas que temos tecido sobre elas.

Lembrarmos que estamos no terreno da linguagem e a linguagem nos lembra o tempo todo da presença de algo que estará sempre ausente, ou seja, não somos capazes de dizer a realidade totalmente, as palavras escapam, não dão conta de nomear tudo, mas somos seres totalmente de linguagem, somos seres de palavras, olhamos a realidade por meio delas e, por meio da linguagem, atuamos e criamos mundos. Ou seja, pela voz e pela escrita damos existência a algo, somos mundos por se fazer.

A linguagem não coincide conosco, nem com a realidade, nem com o pensamento. A linguagem não é algo que eu uso, articulo de acordo com a minha necessidade. Fazendo uma analogia, a linguagem é o mar e nós somos a onda. Colocamos a linguagem em movimento (e vice-versa), mas não saltamos para fora dela.

Assim como não saltamos para fora da voz e para fora da escrita. Se falamos da voz e da escrita como uma entidade separada de nós, como algo a ser alcançado, ela nos golpeia em cheio. Emperra, machuca, culpabiliza, achata. Pois, desse modo, estaríamos a traçar hierarquias entre nós e a Voz, entre nós e a Escrita.

O nosso ponto de contato aqui, entre a voz e a escrita, começa a se desenhar: não é falar sobre, mas evocá-las. Dizer: essa minha voz, essa minha escrita, mesmo sem precisão, mesmo sem saber quem são, como um chamamento.

Não se fala de algo e ao mesmo tempo evoca esse algo. Não se fala com alguém e ao mesmo tempo chama esse alguém.

Então, evocar a voz e a escrita seria enviar para longe o "falar sobre", essa hierarquia, essa entidade pensada, idealizada e idealizadora "Voz" e "Escrita" para nos misturarmos, compormos e sermos compostos por elas. A evocação seria esse gesto que é puro chamamento, impulso, estímulo. Que é um agir. Voz e escrita em ato, que só existe como evocação porque não as temos totalmente.

Não exercito a voz e a escrita para quando for usá-las de um modo mais bem-acabado, de um modo sério. Aqui não há possibilidade de treino, pois não há nenhum campeonato organizado. Não sabemos quem é o adversário e o que vai nos chamar para a disputa. Mas há jogo. Há interação. Há um chamado para o encontro, para a presença.

Eu me atualizo na chama da voz e na chama da escrita. Sou puro ato. Isso me provoca uma constante atenção aos estados de presença. Sou voz na voz, sou escrita na escrita. Chamamos a chama da voz, chamamos a chama da escrita. Como já nos disse Nietzsche: "só o escravo pergunta quem é, o homem livre pergunta: quem me chama?".

Essa atenção aos estados sutis nos dirige ao que nos acontece durante o próprio ato. Palavras são esculturas de ar, escritas são esculturas de rastros. Escrever a voz como desenhar rastros no ar. Ou como capturar o ar por meio de rastros.

A boca da mão, a mão da garganta. Os dedos dos pulmões, os dentes do lápis.

Escrever a voz para que ambas possam se tocar. Tudo aquilo que toca pressupõe uma separação. Só nos tocamos porque somos distintos. Nós nos distanciamos para podermos receber o toque, porque desse modo organizamos nossa pele de sentidos, de sensações.

— Quando é que a minha voz toca e é tocada?
— Quando é que a minha escrita toca e é tocada?

Quando a escrita toca a voz e quando a voz toca a escrita? O que tem de escrita na voz e o que tem de voz na escrita?

Foto: Acervo das organizadoras

Apresentação

Ângela Castelo Branco
Renata Gelamo

"Há uma voz que sai de uma boca úmida e irrompe do vermelho da carne", diz Adriana Cavarero. Há uma escrita da mão que empunha uma ferramenta e sulca uma superfície. Há uma escuta que faz tremer a membrana timpânica e os ossos. Há um silêncio que se aloja nas cavidades do corpo. Há o corpo como espaço possível para viver a experiência.

O convite desse curso foi o de aproximarmos a voz e a escrita. A anatomia da poesia. O corpo da paisagem. Há uma voz que se manifesta em nós em sua materialidade corpórea (colocando em jogo saliva, lábios, língua, dentes, palato mole, palato duro, úvula, faringe, laringe, pregas vocais, pulmões etc.) e essa voz afeta: a nós mesmos e a quem nos escuta. Voz que encosta na pele e faz vibrar a membrana timpânica, faz mover os ossículos do ouvido, os líquidos da cóclea. Uma voz-afeto que, em sua materialidade, cria efeitos de sentido, pode provocar prazer, pode repelir ou convidar a estar junto.

Há uma escrita que emerge do próprio gesto da escrita, que vai encontrando caminhos de passagens por entre o encontro das mãos (punho, braço, unhas, dedos etc.), as ferramentas (lápis, tinta, faca, giz, graveto etc.) e as superfícies (papel, tela, parede, folha, chão etc.). Escrita que deixa revelar a própria escrita, os seus embates, o seu ir e vir, que se afeta com o convite que as palavras, o corpo e os sentidos lhe fazem. Uma escrita que precisa ser escrita. Uma justa medida entre o que se deseja escrever e o que se consegue escrever. Sem lassidão, sem controle, sem desvio. Ou melhor, uma escrita que é o próprio desvio.

Aqui, buscamos uma voz-escrita que se produz no/entre/pelo corpo, que se abre ao desejo criador e perfurador da língua, que se abre para outros dizeres, para as diferenças e singularidades. Essa voz-escrita quase incapturável, quase inaudível, que nasce do ato de colocar-se em fluxo com a polifonia de gestos da voz e gestos da escrita que nos constituem.

Compartilhamos, a seguir, os rastros desse trajeto.

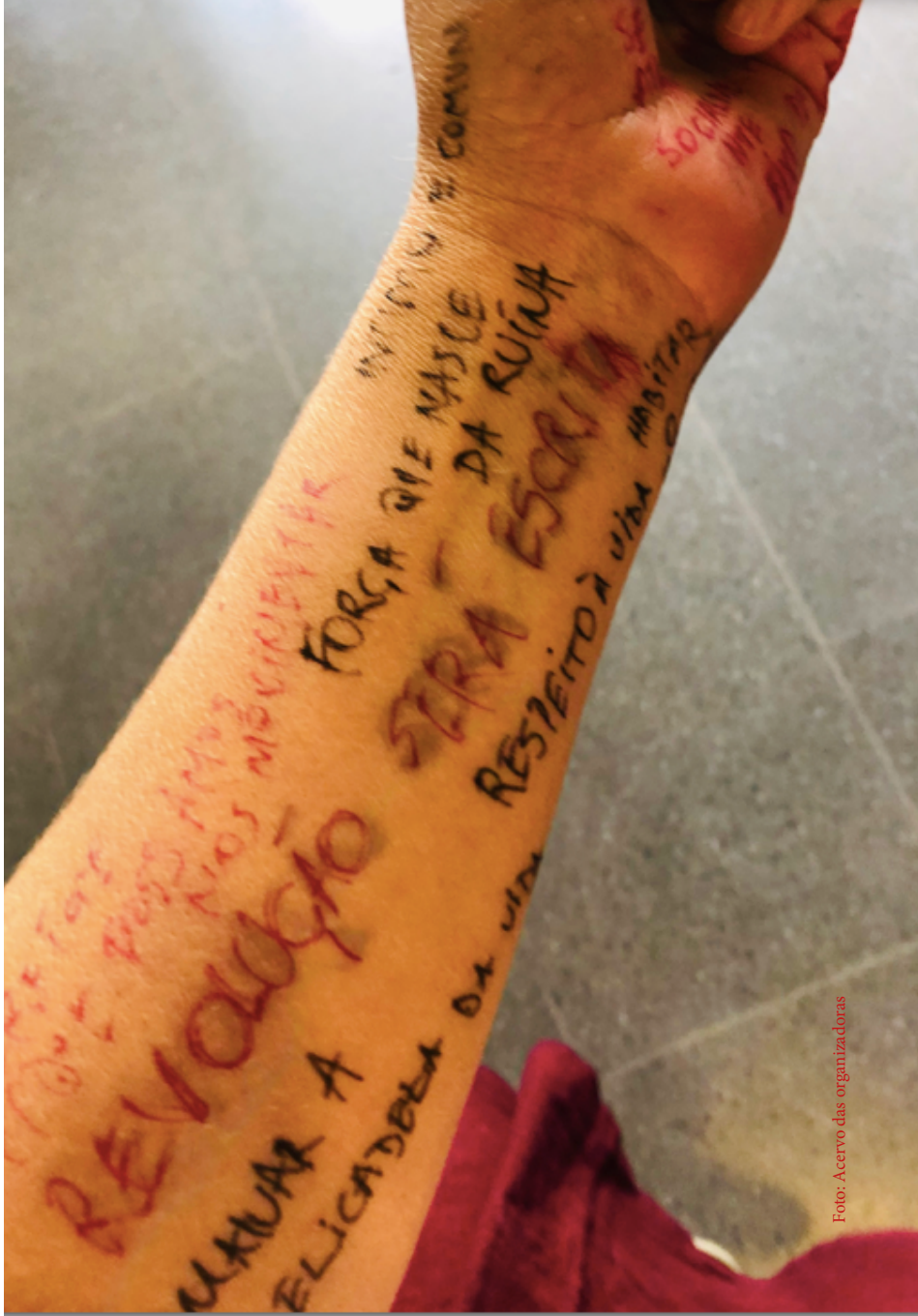


Foto: Acervo das organizadoras

Vozes da alma

Ana Carla Simonetti Rossato Tomazi

Em minha voz existem abismos, os quais desejo tocar...
Talvez alcançar, no silêncio e nos matizes que me levam a viver...

São escolhas...
A voz se constrói nas mentiras?
Nas verdades?
Nas fugas?
Por que fugimos da nossa voz?

Cansei de mentir (de omitir), de fugir, de negar essa voz.
Ela me estranha, me arranha, deixando-me marcas.
Meu corpo estremece. Sou inundada por ela.
Em uma manhã gélida, meu corpo aquece, estremece.

Ahhh..., que delírio! Sonho meu!
Estou sedenta desta voz, de escrevê-la.
Mas quanto mais a procuro...

Ela se revela difícil, no escuro, deixando nós.
Procuro por esta voz que me pertence,
Mas que não pode ser domada, tampouco nomenclada.

É uma voz livre, que me torna despida em meio a uma multidão de cuidados,
achismos, purismos, abismos...

Que voz é essa? Como escrever essa voz?
E se eu voltasse, num instante, àquela criança que um dia fui...
E se buscasse naquele brilho inconstante, uma luz...,

Uma fagulha da voz que me fez ser,
Que emudeceu e tornou a reverberar em mim...
Essa voz me procura nos sonhos, nos silêncios da alma.

Ela quer falar! Eu a quero escutar!
Mas não a posso nomenclar.
Ela está em mim, me constitui, me transborda.
Por vezes, até me sufoca, toca-me no íntimo.
Quando a exalto, ela sobe sorrateira.

Agarra-se em minha garganta, dá nó em minhas pregas vocais.
Depois se vai, como se nada tivesse acontecido.
Deixa-me preenchida, em êxtase.
Sinto o alívio que dá!

Como se ela tivesse mãos, acaricia meu coração
Meus pulmões, desamarra os nós da minha prega vocal...

Total contemplação!
Que voz é essa?
É a voz do coração?
Seria a voz do intelecto?
A voz da infância?
Não sei, nem posso nomenclar.
Só sei que a sinto em mim
Faz meus olhos brilharem
Como uma nascente,

Inundada por uma água que brota contente
NASCENTE, CORRENTE, (Profunda...)
Essa é a voz que me faz pulsar!

Ouça o texto **Vozes da alma**, de Ana Carla Simonetti Rossato Tomazi, em: https://cutt.ly/Zhiki5V.

Fotos: Acervo da autora

Escutar a voz muda
Ofícios de magia

Treino voz-poema

Bruno Leal

Foi com Francis Ponge[3] que aprendi que o que impele a escrita é o afeto provocado pelo mutismo das coisas que nos cercam. Algo que faz inclinar para reparar mais de perto o silêncio. Talvez tenha sido isso que me moveu até hoje; que me empurrou para o ofício da psicanálise, mas antes, muito antes, para os livros e para a literatura. Para a tentativa – nem sempre possível – de ler com os ouvidos e escutar com os olhos. A atenção para a linha fina entre a voz e o silêncio, entre o grito e a afasia. Talvez também tenha sido esse mesmo corpo de afetos que me pôs atento ao mutismo tão característico de algumas histórias. Àquilo que é continuamente posto como calado em certos episódios do tempo. Nisso vejo, como que as palavras se debatendo, a vã tentativa de algo ser exprimível, a vã tentativa de encontrar um documento isento de falhas, um bloco perfeito que preenche todas as rachaduras do passado.

Insisto em escutar a voz muda. Aquilo que é feito em resistir ser ouvido.

Entendo que só é possível contar algo da história por existir alguma fenda no meio do caminho. O que impele as palavras a deslizarem no papel é que contar a história ainda é possível, apesar de tanta matéria impossível no dizer histórico. Por isso, falar de história é dizer sobre uma certa vida que ainda precisa ser resgatada, sobre um elemento vital do passado que, soterrado, necessita tomar ar no presente para chegar ao seu grão de força devido.

Então, percebi que, para seguir, precisaria resgatar uma certa potência mágica da memória e da imaginação,

---

3 PONGE, Francis. **Método**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

aquilo que escorre das lembranças e ainda tremula nos dias que passam. Recorro a algo próximo ao que Ulisses[4] utiliza em sua passagem ao submundo, em que oferece um trago de sangue aos mortos e estes começam a falar. É o elemento preciso. Uma outra concepção de tempo e de corpo que não aquela estéril, mecânica e descrente. Seguir esse rastro é tentar acompanhar o voo de uma bruxa[5] que acredita em uma carne ardida pela memória, que acende a chama das fogueiras dos sertanejos e que partilha das histórias transmitidas pelas camponesas do sertão, que confia na força de suas vozes gaguejantes. Assumo uma compreensão de tempo-história que acolhe o que essas vozes têm a dizer. Cada qual em seu timbre pode expor recordações e evocar o seu passado, "mas quando se trata de escavar por debaixo das histórias, de rachar as opiniões e de atingir as regiões sem memórias"[6], é preciso deixar a escuta escapar de seus usos costumeiros, ouvir os murmúrios. Insisto em ouvir, ciente de que "não existe um ouvido absoluto, [pois] o problema é o de ter um ouvido impossível – tornar audíveis forças que são não audíveis por si mesmas"[7]. O problema é a invenção desse ouvido, a criação de uma escuta possível de captar essa outra frequência impossível.

Pôr-se a escutar esse silêncio talvez seja como pôr os ouvidos em uma concha, percebendo o som de ondas

4 HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
5 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Pensar é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa. *In*: _____. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2016. p. 59.
6 DELEUZE, Gilles. Gaguejou... *In*: _____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 145-146.
7 DELEUZE, Gilles. Tornar audíveis forças não audíveis por si mesmas. *In*: _____. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975–1995). São Paulo: Editora 34, 2016.

que ecoam distantes, e que de maneira quase mística esse esqueleto do mar guarda em si. Algo próximo da ideia que Maurice Blanchot anuncia do encargo da literatura – e, quem sabe, também, de todo ofício da arte: fazer escutar um silêncio característico de seu tempo. Para Blanchot, contrariando o senso comum, quando o último escritor desaparecer do mundo, "no dia em que essa luz se extinguir, não será pelo silêncio, mas pelo recuo do silêncio, por um rasgão na espessura do silêncio e, através desse rasgão, a aproximação de um ruído novo, que se anunciará a era sem palavras"[8]. É, então, aproximado dessa ideia que me ponho a ouvir os intercessores que me apareceram "numa relação de intimidade com o rumor essencial"[9].

Maria Gabriela Llansol diz, em uma de suas entrevistas, que uma das maiores dádivas a ser ofertada ao texto de um outro é "construir-lhe silêncio à volta"[10]. Deste modo, é assim que delineio o projeto de escrita da história, como um texto vivo que se escreve continuamente; e é assim que assumo minha postura diante desse texto, como um leitor – entendendo que esse lugar, posição-leitor, não deixa de ser, também, uma forma de escrita – recebendo o texto na intenção de bordejá-lo, com um silêncio a encorpá-lo; de maneira própria, como foi próprio – e aqui, além de próprio, preciso – o projeto de aumentar o silêncio que atravessa a obra literária de Manoel de Barros – um silêncio que cresce para fora. Encerro com as palavras do poeta:

8 BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 319.
9 *Ibidem*, p. 323.
10 LLANSOL, Maria Gabriela. **Entrevistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 29.

Vinham de longe para mim os silêncios
desprezados.
Até mesmo eu achei o silêncio das pedras menos
do que desprezados.

Mais tarde eu li que as
metáforas fazem o caminho das origens.
Pois que as minhas visões tinham tudo a ver
com o caminho das origens[11].

Treino voz-poema

Assista ao vídeo **Treino voz-poema**, de Bruno Leal, em: https://cutt.ly/Zhiki5V.

11 BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. São Paulo: Leya, 2013.

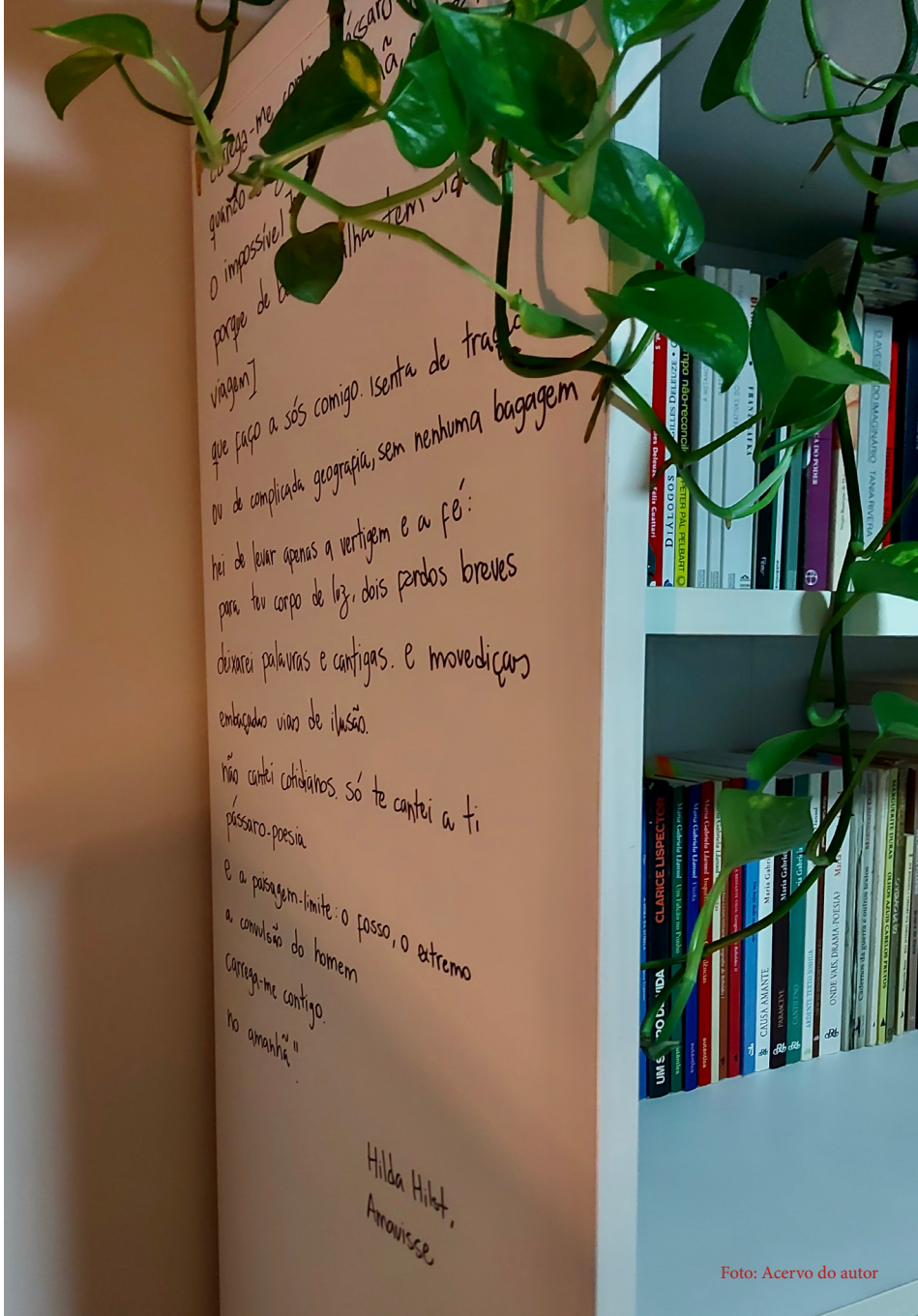


Foto: Acervo do autor

Veja

Faz-me falta

Deborah Brum

Assista aos vídeos dos textos narrados por Deborah Brum em: https://cutt.ly/Zhiki5V.

Fotos: Acervo da autora

Diário da voz

Livros-objetos

Liliana Pardini

[Pergunta 1: Que vozes de ontem abriram espaços hoje? – 10/06/20**]**

Ouvimos sorrindo o eco ancestral que vibra na fonte da alma. Som líquido de acalanto sem pressa. Não sabemos quem, seria Maria? Só sentimos muito bem, muito bem, como se vindo de um disco de vinil de nossos avós, a voz verde-esmeralda do antes.

[Pergunta 2: Como movem-se os lábios quando você pronuncia o próprio nome? – 11/06/20**]**

Lábios cortinas do palco da língua.
Só uma fenda para a língua tocar o céu, duas vezes.
Mais um pouco para o A fechado.
A língua se esconde atrás dos dentes
e a boca descortina para o grande A final.

[Pergunta 3: (áudio) – 12/06/20**]**

De onde vem o grito?

[Pergunta 4: Por onde nasce a voz? – 13/06/20**]**

Da flutuação para a gravidade
o corpo vem.
É quando o ar abre caminho
para a voz expressar
o que inquieta
a alma.

[Perguntas 5: Mas como cantar o próprio nome? Minha própria voz? – 14/06/20**]**

De tanto admirar
fui tentar aprender
a cantar.
Eu canto, para mim.
Para o outro, minha voz não sai pela boca.
Escorre para as mãos e soa no papel.
Canto, pra mim.
Para o outro aprendi
que encanto assim.

A partir daqui, continuei ouvindo as perguntas.

E elas mexeram em mim não mais como um jogo de pergunta e resposta, mas inspirando a ação das mãos. Coloquei aqui os vídeos de livros-objetos que nasceram desses momentos. Talvez a conexão não seja clara, mas fica aqui a voz das minhas mãos.

Frases que aconteceram no percurso vão a seguir:

— — — — — — — — — — — —

Escrevo para me ouvir.

O corpo, feito de pó de estrelas, varreu a casa hoje.

Renasceu em mãos felizes.

Para escrever na pele do cordeiro com a pena do ganso, tinha que ter certeza, não havia espaço para gastar o diabo.

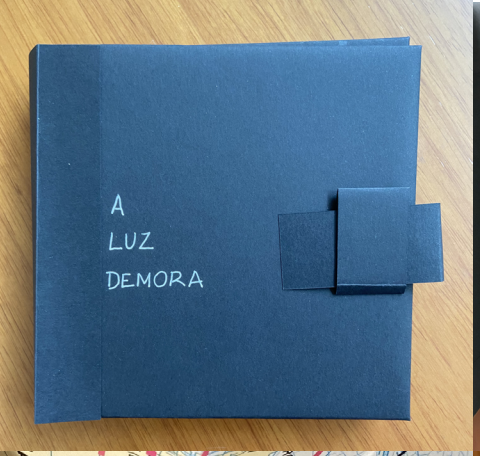
O fio de lua crescente sustenta o meu seio esquerdo.
A alma continua, sem máscara.
A voz: nasce do corpo – mora no ar.
Doeu o parto pra dentro. Ganhou um corpo maior.

— — — — — — — — — — — —

Assista aos vídeos dos livros-objetos de Liliana Pardini em: https://cutt.ly/Zhiki5V.

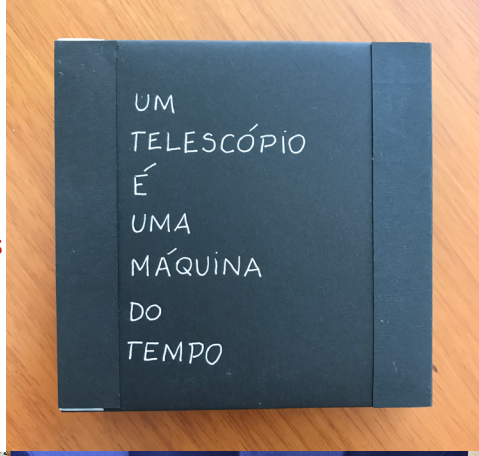
Fotos: Acervo da autora

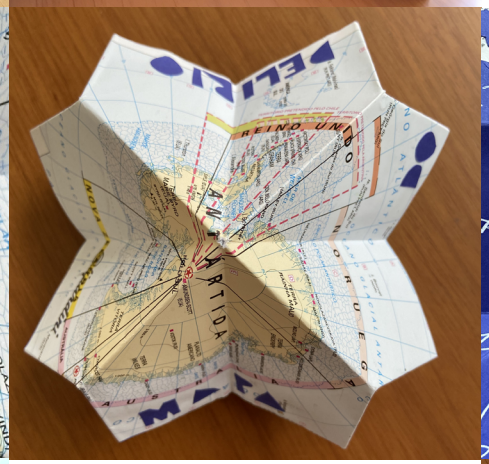
A natureza não duvida
Brota
A criança não duvida
Brinca
Cresce quando pergunta — Dúvida é amanhã?
Aí tudo vira esquina — Por onde ir?
A dúvida é solúvel — Em silêncio



A Luz demora

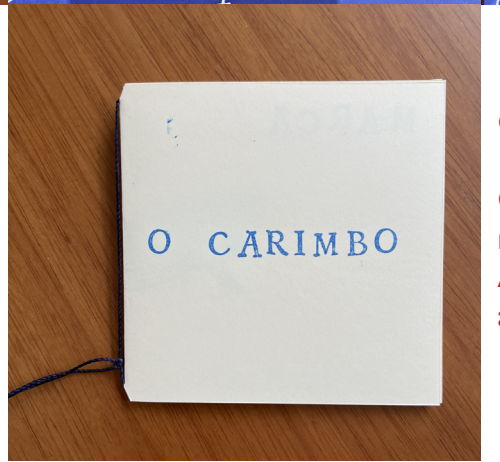
1 segundo (da Lua)
8 minutos (do Sol)
4 anos (da estrela mais próxima)
2.000.000 de anos (da galáxia mais próxima)
O telescópio é uma máquina do tempo





Desenlace

Voltas
infinitas
em torno da alegria
que não era sua.



O carimbo

O carimbo
marca o papel
A voz carimba
a memória

Reflexões sobre a minha voz

Márcia Pituba

O bordado da minha voz começou a ser costurado muito antes de mim. Foram necessárias linhas da Itália que se entrelaçaram com as de algum país da África e que se misturaram a outras, de sons indígenas, de um Brasil que precedia ao seu nome de batismo. Assim, eu tive que imergir nessas vozes, demasiadas vezes, para bem ouvi-las, conhecê-las, aproximar-me intimamente delas, gostar delas, incorporá-las e, por fim, apropriar-me devidamente delas – e haja agulha para tantas linhas! Tive que buscar e descobrir onde estava em mim a marca do meu acento, do meu sotaque, e refazer em meu particular e público bordados, uma voz só minha, registrei.

Mas não é bem assim… Pois, embora eu tivesse emergido de mim com uma voz aparentemente só minha, ela foi fiada e forjada por essas e mais tantas outras linhas que vieram, ao longo do tempo, se somando e são tão coloridas, tão fortes e tão estruturantes quanto belas. Conjuguei telas e tecidos, mais bordados e arremates, costurando, nas matizes do meu jeito de estar no mundo, um suporte para conquistar um lugar de fala – linhas fortes podem até desbotar, mas não descosturam, elas se mantêm firmes!

Fui para o mundo… O "R" aberto arranha suavemente a minha garganta e transporta-me em vagas ondas para um lugar em que eu sinto a tranquila brisa do MAR… A boca vai cheia de vontade para esse paraíso, os pulmões se enchem de ARRRRRR. Eu sinto que vou sucumbir de tanto oxigênio, de tanta vida dentro de mim. Por vezes, até sufoco, porém, fui aprendendo a controlar a ansiedade de querer viver tudo, muito, ao mesmo tempo! Há muito oxigênio em mim e excesso de intensidade!

Hoje, mexo meus lábios mais devagAR, sem pressa, descolo, saio e passeio até o momento exato de regressar novamente a mim. Não me violento mais, respeito o meu tempo! De lá para cá, voo por lugares dos quais as minhas raízes se originaram. Ressignifico fatos, atos, linhas e agulhas. Eu sou eu, consolido a admiração por minha ascendência e reconheço-me no pedaço de terra-Bahia, território onde nasci. Tenho orgulho de quem sou e de quem me constituí, ainda estou em construção, há muitas lacunas para eu me preencher – há muito tecido esperando mais linhas e novas agulhas. Por isso, quando eu volto, repouso e permito-me deleitar na CIA – companhia – de pássaros, que ressoam como cítaras e arpas. Aproveito e guardo o que pode e deve ser fortuna.

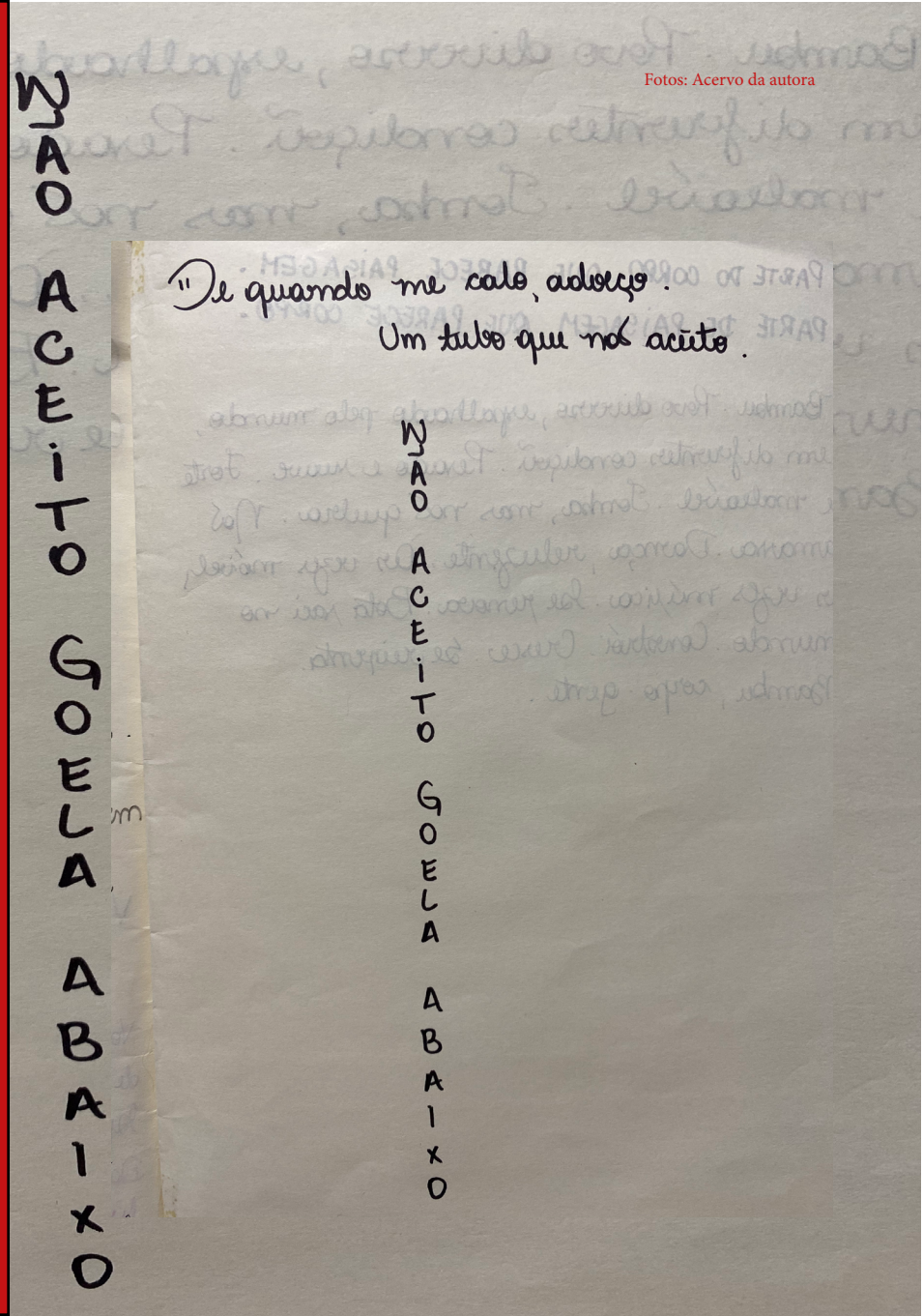
Depois de completar mais uma jornada, ouço um som bem forte, que vem e ecoa como barulhos de furacão, tempestade, trovão e raio, tudo junto, em uma força só, única e inteira, em forma de um pituba – vento que sopra forte!

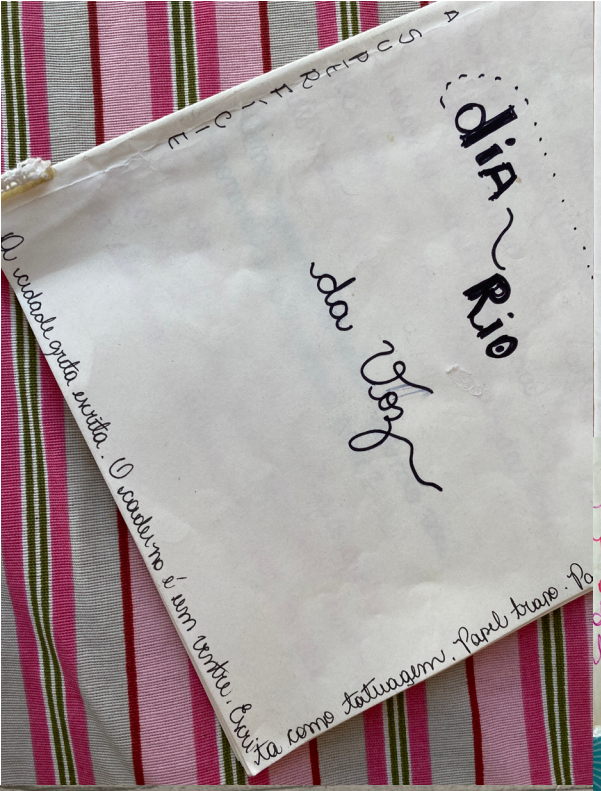
Restituo-me tranquilamente em mim e regozijo-me, doce e calma, porque no meu "A" final projeta-se o desenho de um arco-íris no céu, solto no AR, que se atrai pelo MAR e beija-o. Juntos, eles se tocam, abraçam-se e amam-se felizes, são parceiros de uma vida e de uma honesta e leal CIA – companhia.

Juntos para sempre: MÁRCIA!

Registros

Natália Tazinazzo





Qual a temperatura da tua voz?

A mesma do pulso

A mesma do vento

A cidade grita escrita. O caderno é um ventre.

Escrita como tatuagem?
Marcar a pele. Colagem. Ato que fica. Ruiam. Revelam. A voz que sai dos poros. A voz que queima. Final. Tatuagem como voz da gente. Um idioma. Uma tradução. Uma bordadeira. Minha escrita é minha pele. O que não se quer esquecer. Escrita em camada. Em retoque. Hidratada.

ANATOMIA DA VOZ. ELEMENTO DO MAR.

Língua. Dói com a língua nos dentes. Mostrar a língua. Língua de gato. A língua salva os dentes. Beijo de língua. Tem a língua comprida. Linguarudo. Você fala minha língua. Língua afiada. Língua Portuguesa. LIBRAS. Língua porta. Língua morta. Língua materna.
Dobre sua língua. Vai limpar c/ a língua. Trava-língua. Bilíngue. A língua do coletivo. Mordeu a língua?
. . . línguas de roupa. Mete a língua. Metalinguagem

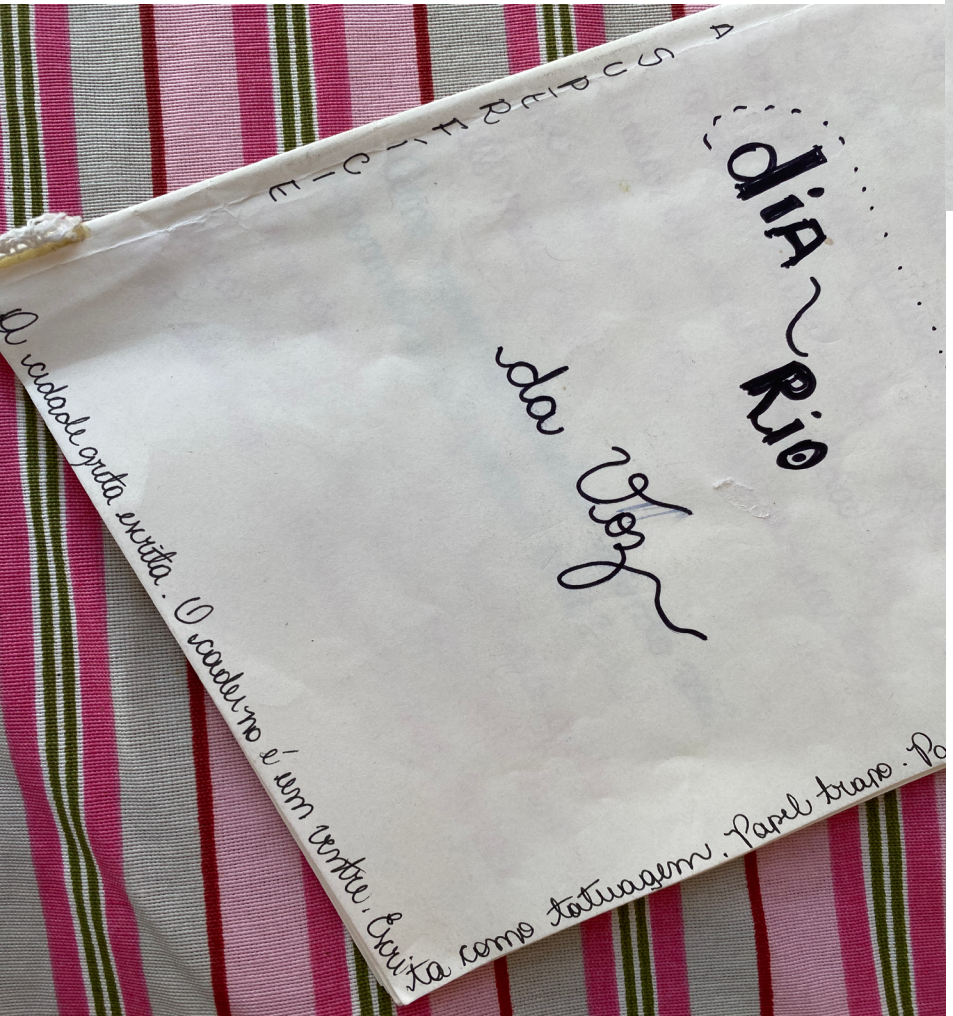
VOZ, É CORAGEM

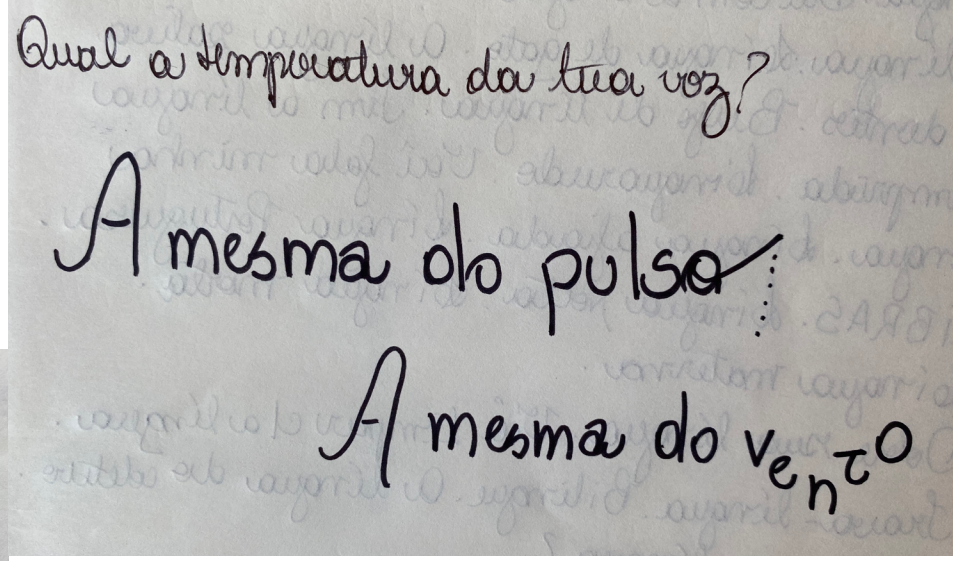
PENETRAR

Bambu. Povo diverso, espalhado pelo mundo, em diferentes condições. Pesado e suave. Forte e maleável. Tomba, mas não quebra. Não amassa. Dança, reluzente. Às vezes móvel, às vezes música. Se renova. Bota raiz no mundo. Constrói. Cresce. Se reinventa. Bambu, corpo. Gente.

O caderno é um ventre. Escrita

Bambu. Povo diverso, espalhado pelo mundo, em diferentes condições. Pesado e suave. Forte e maleável. Tomba, mas não quebra. Não amassa. Dança, reluzente. Às vezes, móvel; às vezes, música. Se renova. Bota saci no mundo. Constrói. Cresce. Se reinventa. Bambu, corpo. Gente.



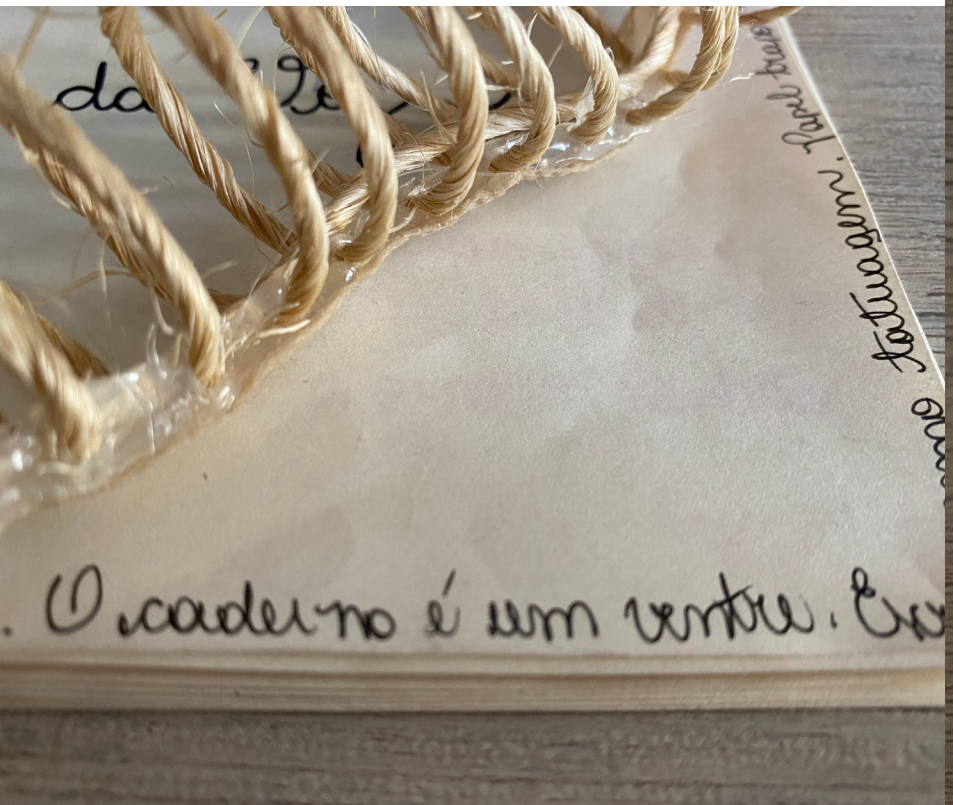


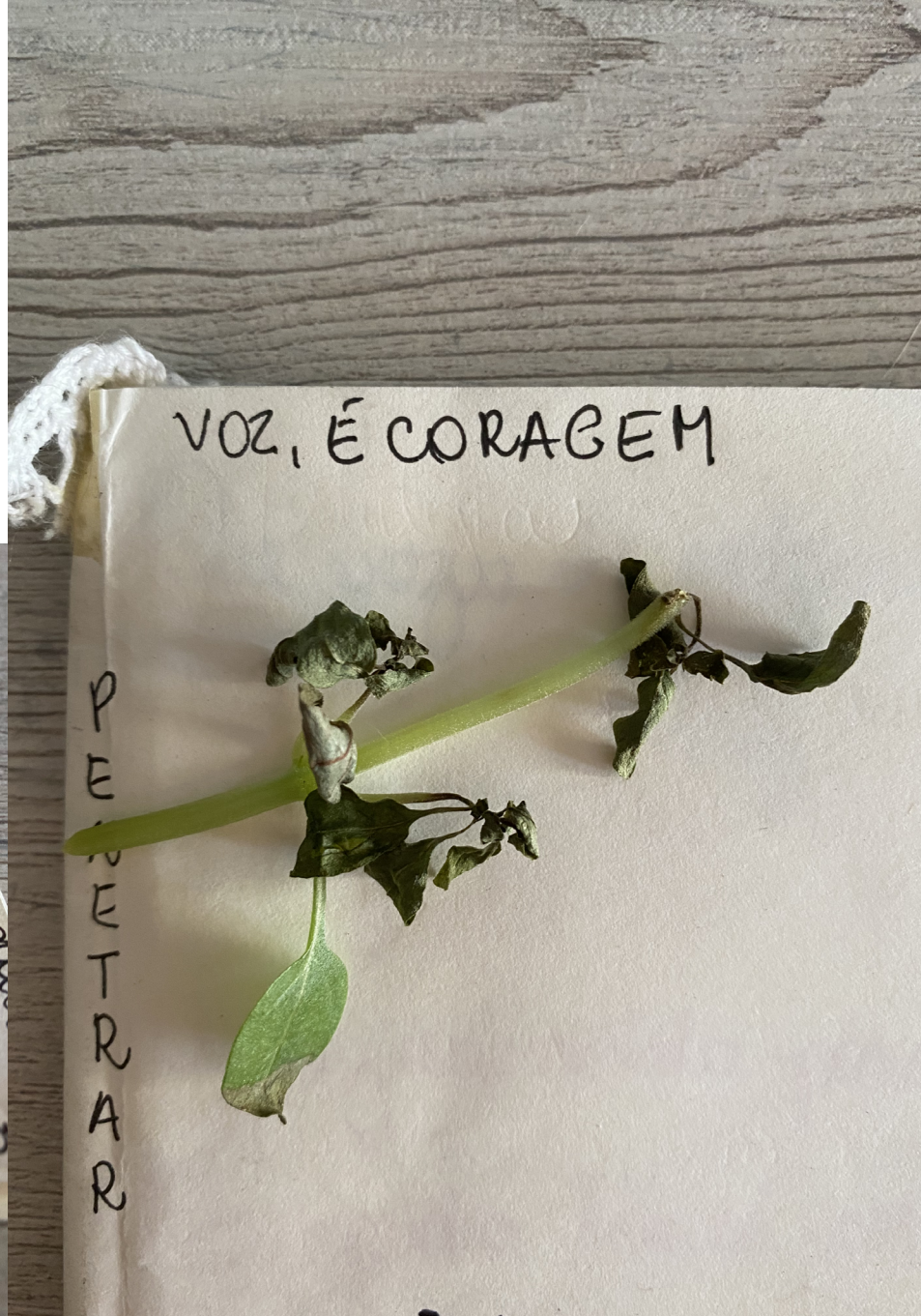
Anatomia da voz. Elemento do mar.

Língua. Dei com a língua nos dentes. Mostrou a língua.
Língua de gato. A língua saliva os dentes. Beijo de língua.
Tem a língua cumprida. Linguarudo. Você fala minha língua.
Língua afiada. Língua Portuguesa. LIBRAS. Língua solta.
Lingua morta. Língua materna.
Dobre sua língua. Vai limpar c/a língua.
Trava-língua. Bilingue. A língua do coletivo. Mordeu a língua?
...língua de sogra. Mate a língua. Metalinguagem.

Escrita como tatuagem?

Marcar a pele. Colagem. Ato que finca. Revela. Revela. A voz que sai dos povos. A voz que queima. Sinal. Tatuagem como voz da gente. Um idioma. Uma tradução. Uma brincadeira. Minha escrita é minha pele. O que não se quer esquecer. Escrita em camada. Em retoque – hidratada.





Sou todo ouvidos

A voz escrita

Sheilla Brevidelli

Sou todo ouvidos

Sábado, 27 de junho de 2020.

Durante muito tempo
Sua voz não pôde tocar seu ouvido
O silêncio a acompanhava
E buscava na escrita um caminho de expressão
Mas sabia que sua voz era grave
Tocada pela lembrança da voz materna
Ela havia desenvolvido
Canais auditivos ligados ao seu coração
E entendeu que o transbordamento de seu peito
Não caberia numa voz aguda
E por isso buscava alguém que dissesse
"Sou todo ouvidos"

A voz escrita

Sexta-feira, 26 de junho de 2020.

Trazia muitas vozes em seu interior
E escrevia como uma necessidade
De gastar o diabo dentro de si[12]
A escrita dava forma
Ao que era apenas sensível
Não era apenas a sua mão a desenhar
Todo seu corpo vibrava e ressoava
No êxtase da criação
Escrever depurava e curava
Todos os seus diálogos internos

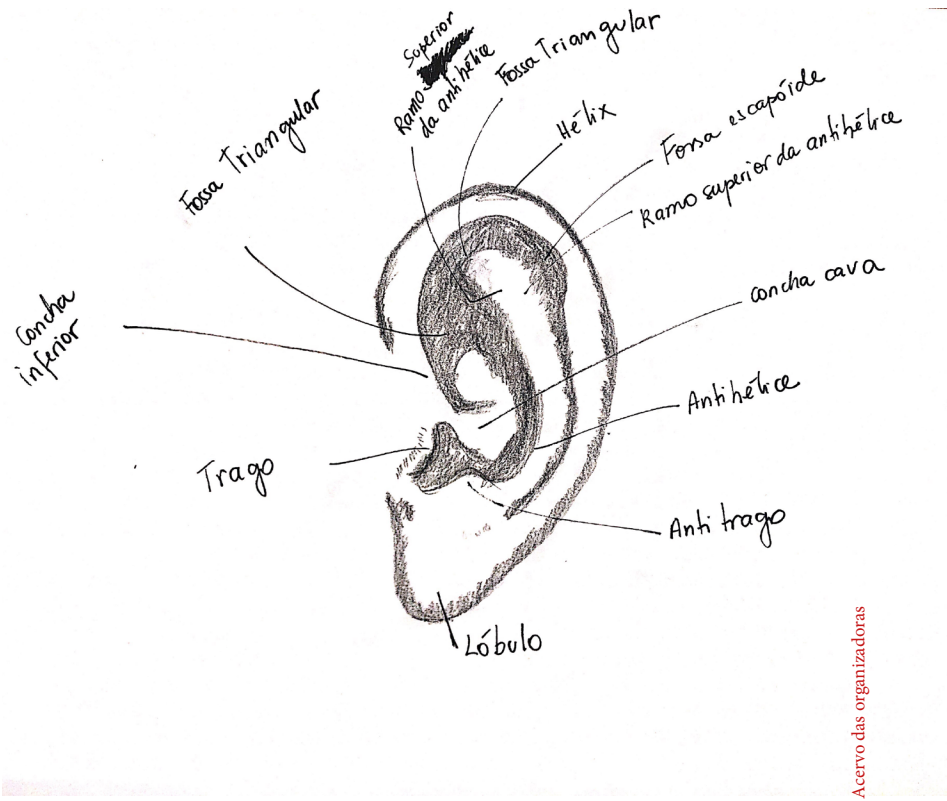


Foto: Acervo das organizadoras

12 Referência à fala de Riobaldo em **Grande Sertão**: veredas, de Guimarães Rosa.

Enquanto escuto vozes...

Suzana Buccalon

ENQUANTO ESCUTO VOZES
PARA ONDE ESTOU INDO?

coração pulsando forte
sons distantes
ar bloqueado

calma
calma?
sossega
sossega?

tudo passa
tudo muda
o ar está sempre aqui
vai passar
vai ficar tudo bem

...

enquanto escuto vozes
a pele treme
os ossos esticam
os lábios tentam pronunciar um nome
não é qualquer nome
é um nome que não conheço
não, não é isso
é um nome que não reconheço
lembra um sopro
um sopro suave
su...ave

mais tremores
agora vindos da saliva, da língua, dos dentes, dos lábios
tremores que tentam me dizer

você pode falar
pode cantar
chorar
berrar

como? se pelo menos eu soubesse por onde nasce a voz

Você sabe
começa nascendo nos pés
ao caminhar
vai subindo, subindo
até chegar na barriga
onde às vezes dá um frio
chega até doer
sobe mais um pouco
até chegar ao coração
que bate mais forte
nas costas, arrepia
na garganta, soluça
mas não trava
revela-se
por todos os poros
a voz nasce
por todo o corpo
a voz transita

você se recorda de como é a sua voz?

uma vez me disseram que é quente e redonda
e tem gosto de manga

tem dias que ouço minha voz no silêncio
conversando com minha mãe
conversando comigo
tem dias que me sento perto do pôr do sol
e ouço sons, sons
os de que mais gosto,
os ***melódicos***
ouço várias vezes

tem dias que a boca seca,
que o soluço demora a passar
tem dias que tudo parece um pesadelo
e que nunca mais vou me encontrar
com as palavras
tem dias que ouço uma voz
estranhamente familiar
não consigo saber
se é triste ou melancólica

enquanto escuto vozes
a língua do papel me lambe
me lambe por fora
me lambe por dentro
me seduz
me encanta
enquanto a língua do papel me lambe
escuto vozes de sonhos
sonhos quentes

sonhos de gozo
enquanto a língua do papel me lambe
o hálito da minha voz canta flores
flores selvagens
de todos os sabores

um dia a voz me disse

encosta nas ondas do mar
encosta no colo do filho
na almofada da mãe
encosta na flor de jade
nas folhas do comigo-ninguém-pode
na pele
nos ossos
encosta
no desejo
no corpo do amante
encosta
na canção

ainda há muito tremor

na raiva do descaso
voz trava
no medo do dizer
escrita trava
na voz do cruel
escuta congela

tenho feito um pedido todos os dias
é assim:

dentes do meu lápis
que você me morda
de sempre em sempre
para que nunca mais eu perca as palavras

dentes do meu lápis
que você me morda
de sempre em sempre
para que eu nunca mais apague
as marcas que fiz nos livros

dentes do meu lápis
que você me morda
para que eu nunca mais esqueça
a pele costurada
do corpo já curado

dentes do meu lápis
que você me morda
que você me lamba
que você me liberte

enquanto escuto vozes
vou caminhando

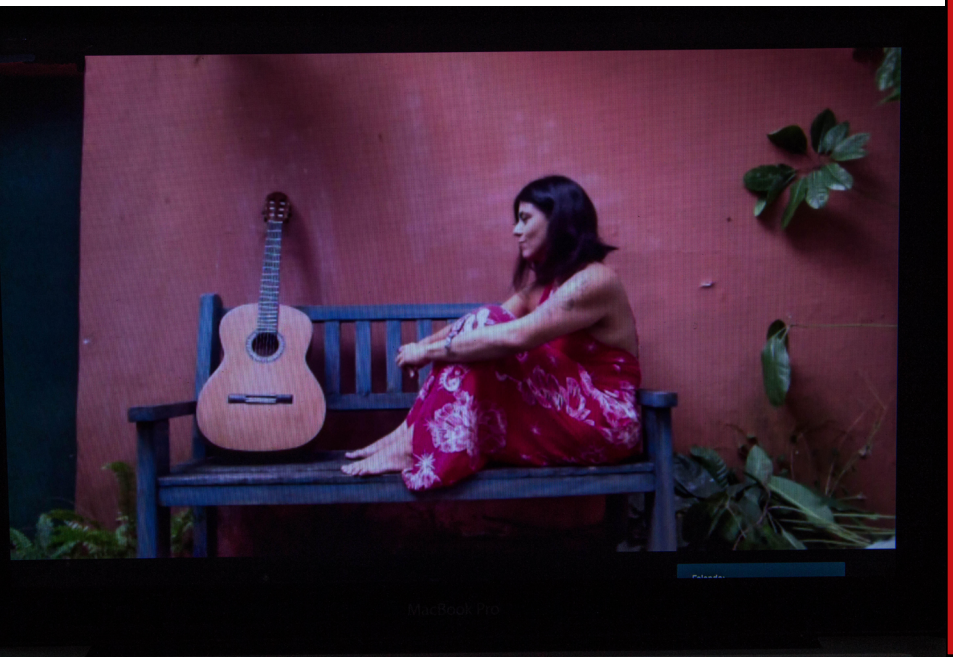
Sobre um encontro

Vanessa Elias

Tem algo de muito íntimo na minha relação com meu violão. Tocá-lo é um encontro, uma poesia. Mas antes disso, todo um deserto a atravessar. Na primeira fase desse encontro, parecia que nada se encaixava. Eu olhava pra ele. Um ser estranho, não se encaixava no meu colo. E como segurá-lo? Foram tantas tentativas e erros, dores nas costas, o árduo cultivo dos calos na mão direita. E dia após dia, invocando a minha criança interior, eu brincava com ele. Era o único jeito. Eu tocava nas cordas muito lentamente com cada dedo. Uma dança desengonçada. Um bebê tentando engatinhar. Tinha dia que era muito dolorido, dava vontade de desistir, muito choro. Ah, quantas águas rolaram! Mas algo não me deixava parar e eu seguia em frente, tijolinho por tijolinho na construção dessa intimidade. Eu sempre achei meu violão muito bonito, então tinha dia que eu ficava assim olhando pra ele, tentando abrir um diálogo. E depois tocava suas cordas, ainda com bastante estranhamento, às vezes pouco, às vezes muito. E, então, chegou um momento que a dança das mãos nas cordas começou a produzir música e canções, e a relação se transformou. Já estávamos mais confortáveis um com o outro. Ele cabia no meu colo, meu corpo doía menos. Os calos já estavam mais maduros (e eu cuidando deles como o mais precioso tesouro, não me esqueço da dor que foi criá-los). Hoje não passo um dia sem tocá-lo, no seu corpo, braço, cordas. Vivemos um novo momento, novo movimento. Somos amigos, amantes. Ele me olha, com muita sabedoria e amor, como quem diz: quebramos as primeiras barreiras, mas estamos apenas começando. E eu concordo paciente, mas ávida por

desbravar mais desse mistério. Infinitas oitavas girando em espiral, tantas possibilidades. E a cada dia minhas mãos seguem tocando essas cordas, esse corpo com mais cuidado, mais carinho, mais amor. Ele está vivo, ele me vê, me ouve, me sente. Corpo vivo de madeira que sente quando esquenta, quando esfria, quando viaja, quando está úmido ou seco demais. E assim seguimos juntinhos. Hoje, a minha voz gosta do timbre do corpo do meu violão, ela se sente em casa acolhida, contornada. As minhas mãos gostam de bailar por suas cordas. E nesse íntimo encontro de voz-mãos-violão eu me derreto, me dissolvo, me entrego. E a vida se torna arte, que se torna música, que se torna Vida.

Foto: Tarita de Souza



Escrever a voz

Vera Milanese

VOZ VIVA

voz pungente
voz em tubos, caminhos, órgãos
desejo

voz discernimento, voz prazer
voz dor, voz calor
voz que me escreveu e me inscreveu
no mundo
em mim
em ti
em nós

essa: a minha voz

Um corpo no mundo

Por onde nasce...?

Como movem-se os lábios...?

Quantas vozes...?

Onde sua voz...?

Que voz é essa?

Traços da voz

Zak Moreira

Um corpo no mundo

Afirma alguém que atravessa a vida.
Sabendo da vida que lhe atravessa.
Um Corpo que sentem e agem.
Um corpo político, muitas forças o atravessam.
Sabem que não existe "do lado de fora".
A que isso serve?
Saber o que faz a vida mais potente
Saber o que faz sentido viver
O movimento.
Respirar
Gravitar
Encontrar
Explorar
Viver
E como o mover e afirmar?
Vc se move pra quê?
Pra compor?
Pra consumir?
Pra poder?
Para que eu me movo?
Para quem eu me movo?
Para mover a vida que me atravessa?
Em direção do certo e do errado?
É pra lá que você quer ir?
Pra vc: consciência.
Quer outro caminho?
Pra vc: experiência.

Assista ao vídeo **Um corpo no mundo | Experienciação # 3**, de Zak Moreira, em: https://cutt.ly/Zhiki5V.

Foto: Acervo do autor

Por onde nasce a voz?

A voz nasce por onde nasce a identidade.
Nasce do apego, do afago, do cheiro, do que vemos, do que sentimos.
A voz vem de onde me entendo por gente.
Tem gente que tem voz nunca tendo falado.
Tem gente que fala muito e não tem voz.

A voz nasce da gente, a gente pare a voz.

Como movem-se os lábios quando você pronuncia o seu próprio nome?

Nome próprio, próprio nome, apropriar-se de si, identificar-se de um nome. Meu nome é zumbido, é zumbi, é ar que transpassa meus lábios com rápido e discreto entremeio pro fim, abrupto e diferente, pouco comum, diriam alguns, mas sendo meu nome o que é, faz voz e corpo com o que sou ou com quem penso ser.

Quantas vozes habitam a sua voz?

As vozes que vieram antes de mim emprestam ancestralidades, regam minha existência de outras vidas e outros timbres. As vozes que hoje habitam coexistem com as que vieram antes, e nessa multiplicidade criam outras, que procuram ser intensivas e afirmativas.

Onde sua voz encosta?

Minha voz encosta
nos encontros entre pelo e pele
minha voz encosta na concha da orelha, e passeia até a membrana vibrar
Minha voz encosta em su'alma, aquecendo paixões e reverbera até sua carne,
nos encontros entre pelo e pele
onde minha voz encosta.

Foto: Acervo do autor

Que voz é essa?

Que voz é essa, mascarada por tantos acontecimentos?
Que voz é essa, que se cala quando transpassada pelo medo?
Amordaçada por muitas matérias, se faz angustiada por não ser ouvida.
O que protege não permite expressão.
Sob as máscaras, gritos são sussurros.
Muito esforço para sair.
Os músculos não são suficientes. Pelos tubos passam o ar, as cordas vocais fazem seu trabalho, mas a mandíbula, presa pela raiva, pelo medo, pela despotencialização da vida, não amplifica o que quero dizer.
Mas algo acontece quando outras vozes se fazem a partir do desejo de ser.
O vento no cabelo, o azul do céu, o calor do sol
e, principalmente, o som que vem dos pássaros é potencializado pelo relevo das minhas orelhas, filtrado e delicadamente direcionado pra dentro de minh'alma, transmuta essa dor e o que era medo se torna experiência, e o que era raiva se encontra com a palavra, e o que despotencializava se torna afirmação.
Tenho outros sentidos para viver, tenho outras vozes para ouvir e, principalmente, tenho a palavra como arma para lutar pelas vozes que quero libertar.
Vamos?

Assista ao vídeo **Que voz é essa?**, de Zak Moreira, em: https://cutt.ly/Zhiki5V.

Traços da voz

Riscos da voz
Cortes da voz
Onde estão as minhas marcas?

Troco traços por encontros vocálicos e carnais. Hoje o risco é cortar os toques por completo, mas risco maior é não se arriscar ao encontro. Sei que há pistas de criação de possíveis. Sei também que marcas foram deixadas e isso ninguém tira dos nossos corpos. Que encontros nos salvem e, nas articulações das sílabas, nossas vozes se amplifiquem e por outros corpos ecoem.

Exercícios de aproximação:

1. escolher uma parte do ouvido e fazer uma aproximação com algum mineral

2. escolher uma parte da anatomia da voz e fazer uma aproximação com algum elemento do mar.

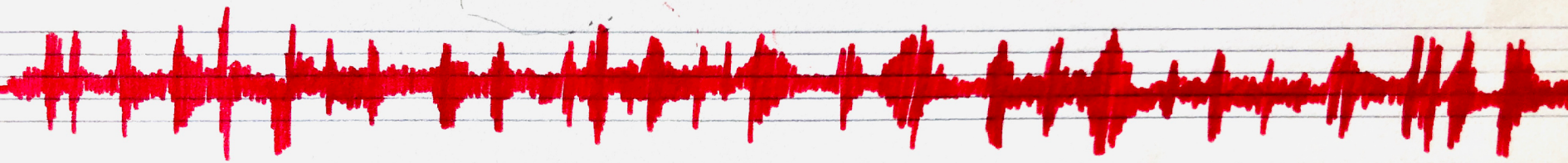
3. escolher uma frase poética e fazer uma explicação anatômica dela (dissecação).

4. escolher uma frase de anatomia e fazer uma explicação poética dela.

5. fotografar com palavras uma parte do seu corpo que parece uma paisagem.

6. fotografar com palavras uma parte da paisagem que parece com uma parte de seu corpo.

Foto: Acervo das organizadoras



Escrever a voz

Foto: Acervo das organizadoras